

LITERATURA INFANTO-JUVENIL: ADAPTAÇÃO DA OBRA CLÁSSICA *OS SERTÕES* DE EUCLIDES DA CUNHA.

Sebastião Faustino Ventura*

Cristiane Regina Corsini*

Nádia Aparecida Marquini Lombardo*

Priscila Pereira*

Sônia Maria Dornellas Morelli**

VENTURA. S. F.; CORSINI. C. R.; LOMBARDO. N. A. M.; PEREIRA. P.; MORELLI. S. M. D. Literatura Infanto-Juvenil: Adaptação da Obra Clássica *Os Sertões* de Euclides da Cunha. **EDUCERE** - Revista da Educação, v. 5, n. 2, p. 93-102, jul./dez., 2005

RESUMO: Lendo e estudando a obra ‘O sertão vai virar mar’ de Moacyr Scliar e confrontando-a com o livro que a originou, “Os Sertões” de Euclides da Cunha resolveu-se com esse trabalho analisar os benefícios e as perdas que essas adaptações de grandes clássicos trazem para a literatura infanto-juvenil. Estudos teóricos foram feitos no sentido de compreender melhor essas adaptações, para refletir a influência da cultura de massa na literatura infanto-juvenil e conhecer um pouco mais da história e trajetória da literatura infantil, enfatizando a literatura infantil brasileira. Para uma maior avaliação dos efeitos das adaptações dos clássicos para a literatura infanto-juvenil, estudou-se também as influências da descentralização das identidades dos indivíduos em nossos dias e da própria modernidade sobre a literatura abordada nesse trabalho. Refletiu-se, ainda, sobre as divergências de interesses entre a indústria cultural e a formação desses novos leitores.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Adaptações. Grandes clássicos.

CHILD-JUVENILE LITERATURE: ADAPTATION OF THE CLASSIC MASTERPIECE *OS SERTÕES* BY EUCLIDES DA CUNHA

ABSTRACT: Reading and Studying the workmanship “O Sertão vai virar mar” by Moacyr Scliar and confronting it to the book that originated it “Os Sertões” by

* Graduando - UNIPAR - Universidade Paranaense - venturasenior@hotmail.com; criscorsini@hotmail.com; nadikaa@hotmail.com; priscilinha_p18@hotmail.com

** Professora Ms. - UNIPAR - Universidade Paranaense - sonia@unipar.br

Endereço para correspondência: Sonia Maria Dornellas Morelli - UNIVERSIDADE PARANAENSE - CAMPUS CIANORTE - Av. Brasil, 1123, Zona 02, CEP. 87200-000, Cianorte / PR, Fone: (44) 3619-3000

Euclides da Cunha, has helped to decide on the analysis of the benefits and the losses that these adaptations of great classics bring for child-juvenile literature through this work. Theoretical studies had been made in order to understand these adaptations better, to reflect the influence of the mass culture on the child-infantile literature and to know a little more about the history of the infantile literature trajectory, emphasizing Brazilian infantile literature. For a higher evaluation of the effects of the adaptations from the classics to child-juvenile literature, the influences of the decentralization of the individual identities in our days and of the proper modernity on boarded literature in this work were studied. The divergences of interests between the cultural industry and the formation of these new readers were also discussed.

KEY WORDS: Literature. Adaptations, Great classics.

LITERATURA INFANTO- JUVENIL: ADAPTAÇÃO DE LA OBRA LITERARIA “OS SERTÕES” DE EUCLIDES DA CUNHA

RESUMEN: Leyendo y estudiando la obra “O Sertão vai virar mar” de Moacyr Scliar y confrontándola con el libro que la originó, el “Os Sertões” de Euclides da Cunha, se resolvió con este trabajo analizar los beneficios y las pérdidas que esas adaptaciones de grandes obras clásicas traen hacia la literatura infanto-juvenil. Estudios teóricos fueron hechos en el sentido de comprender mejor esas adaptaciones, para reflejar la influencia de la cultura de la masa en la literatura infanto-juvenil y conocer un poco más de la historia y de la trayectoria de la literatura infantil, acentuando la literatura infantil brasileña. Para una mayor evaluación de los efectos de las adaptaciones de los clásicos para la literatura infanto-juvenil, se estudió también las influencias de la descentralización de las identidades de los individuos en nuestros días y de la propia modernidad sobre la literatura abordada en este trabajo. Se reflejó aún sobre las divergencias de intereses entre la industria cultural y la formación de estos nuevos lectores..

PALABRAS CLAVE: Literatura. Adaptaciones. Grandes obras clásicas.

1. Introdução

É interessante perceber como cada obra literária tem uma infinidade de aspectos que podem ser analisados por quem resolve lê-la com um pouco mais de atenção e senso crítico. Moacyr Scliar, um dos escritores mais importantes de nossa época, escreveu alguns livros que fazem parte da coleção, *Descobriendo os Clássicos*. Entre eles: *Câmera na mão*, *O Guarani no coração*, uma leitura de *O guarani* de José de Alencar, *O mistério da Casa Verde*, uma leitura de *O*

Alienista de Machado de Assis, mas a obra que nos chamou a atenção para a importância destas adaptações foi *O sertão vai virar mar*. Neste livro, o autor faz uma releitura e revisão de um dos fatos mais marcantes de nossa história contemporânea: a saga de Antônio Conselheiro e os trágicos acontecimentos de Canudos. O autor, com muita propriedade e técnica literária, desenvolve um enredo, usando adolescentes de uma escola para mostrar, de uma forma bem mais simples do que a usada por Euclides da Cunha em *Os Sertões*, a grande tragédia ocorrida no sertão baiano. Enquanto Euclides da Cunha, com seu português clássico, bem acima da média popular, faz uma descrição jornalística rica em detalhes e pormenores, mostrando perfeitamente como é o sertanejo e seu habitat, Moacyr Scliar, de uma maneira mais acessível ao público juvenil, narra os mesmos fatos, dando maior ênfase à mensagem a se extrair da história, e menor destaque aos detalhes dos acontecimentos.

Estas duas obras escritas em épocas tão diferentes tratam da mesma trama de maneiras bem diversas, mas a adaptação mantém a essência da original, conta a mesma história, só que contextualizada na realidade das personagens de *O sertão vai virar mar*. Nesta, o autor recria um beato com as mesmas características religiosas do beato de Euclides da Cunha, inserido na época em que se passa a trama da história adaptada. Scliar ainda coloca no enredo um filho adolescente do religioso, fazendo parte do grupo de estudantes que estudará e discutirá *Os Sertões* durante o desenrolar da história.

O confronto destas duas obras nos remete a outras análises relacionadas às adaptações de grandes clássicos literários para a literatura infanto-juvenil. Um aspecto que vale analisar é o histórico, pois estas adaptações não são novidades no mercado literário. Lajolo e Zilberman (1999, p. 13) afirmam: “Na história da literatura infantil européia, são muitos os exemplos de obras, hoje consideradas clássicos para a infância, que na sua origem, não continham essa determinação de público. *Robinson Crusóe* e *Viagens de Gulliver* são exemplos que ilustram esta tese”. Assim, podemos pensar que obras escritas, primeiramente para um público adulto, podem num segundo momento, serem adaptadas para um público infanto-juvenil, desde que se tenha o cuidado de manter a qualidade literária da obra original. Fica evidente por esta análise o fato de que a literatura vem interferindo na formação da identidade dos pequenos leitores desde as primeiras adaptações dos clássicos para a literatura infanto-juvenil até os nossos dias, e é muito interessante observar que esta relação entre a identidade e a literatura é bem mais intensa do que se pode imaginar. Hall (1999, p. 15) lembra que “as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter”. Considerando-se a grande quantidade de informações que a literatura

passa aos pequenos leitores, presume-se que ela vai formando e reformando suas identidades.

Ainda no transcorrer desta análise, chamamos a atenção para o papel importantíssimo do professor na condução do processo de escolha da literatura que está sendo oferecida aos nossos leitores juvenis. Cabe a ele examinar se as adaptações que chegam aos alunos mantêm a qualidade da obra original ou se são apenas um produto a mais da cultura de massa, que tem dois segmentos, um que se preocupa com a qualidade do que chega às mãos dos leitores infanto-juvenis, e outro que tem olhos voltados para a parte econômica da indústria do livro.

2. Desenvolvimento

2.1. Surge um novo leitor

Por volta do século XVIII, ocorreu no mundo um fenômeno que transformou radicalmente muitos conceitos e estruturas, na constituição das sociedades humanas organizadas. Este fator de transformação foi a industrialização. Até então, o modelo tradicional de organização social era o rural, advindo da estrutura feudal, no qual a maioria das pessoas vivia no campo e dele tirava seu sustento. A propagação da indústria trouxe consigo a urbanização, fazendo surgir cidades enormes e trazendo o homem do meio campestre para a aglomeração urbana. Esta vida em grupos mais aproximados, pela convivência diária e constante, criou vários problemas: a violência, a luta pelo emprego entre outros, o que exigiu o fortalecimento de algumas instituições, como a família e a escola.

No modelo familiar, o pai sustentava a casa e a mãe cuidava das obrigações domésticas. Nesse momento, percebe-se a necessidade de se voltar para a criança e vê-la como parte importante na constituição da sociedade, pois a presença dela no meio urbano ficou muito mais evidente. A criança, então, motiva o surgimento de produtos exclusivos para ela como brinquedos, livros e ainda algumas ciências voltadas para o estudo de problemas relacionados à infância ou à adolescência, entre elas a Psicologia e Pedagogia. Deste processo ao surgimento do livro infantil foi um pequeno passo. Passaram-se a produzir obras direcionadas às crianças, como nos mostram Lajolo e Zilberman (1999, p. 15): “*As Fábulas*, de La Fontaine, editadas entre 1668 e 1694, *As Aventuras de Telêmaco*, de Félemon, lançadas postumamente, em 1717, e *Os Contos da Mamãe Gansa*, cujo título original era *Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades* que Charles Perrault publicou em 1697”... .

Este mesmo fenômeno da urbanização se espalhou pelo mundo e no Brasil não poderia deixar de acontecer o mesmo, embora em um momento posterior, já próximo do século XX. Se algumas obras infantis foram publicadas antes deste período, não passaram de lançamentos esporádicos. A princípio, surgiram no Brasil as traduções de obras infantis européias como “*O canário* (1856), *A cestinha de flores* (1858), *Cônego* (Christoph Von Schmid) e *Os ovos de páscoa* (1860).” Depois vieram as adaptações: “*Contos seletos das mil e uma noites* (1882), *Robinson Crusoe* (1885), *Viagens de Gulliver* (1888), *As aventuras do celeberrimo Barão de Munchhausen* (1891), *Contos para filhos e netos* (1894) e *Dom Quixote de la Mancha* (1901)”. (LAJOLO e ZILBERMAN, 1999, p. 29).

Os primeiros passos para a massificação da literatura infantil no Brasil são dados bem no fim do século XIX, com a inauguração da biblioteca infantil Quaresma e, em 1915, quando a editora Melhoramentos inaugura a sua biblioteca infantil com a publicação do primeiro volume da coleção *O patinho feio* de Andersen. Até então, nota-se que a literatura infantil produzida em nosso país se baseia em adaptações. Mas partindo deste processo de adaptar e traduzir obras européias, a literatura para crianças ganhou força e prosperou em nosso país. Surgiram editoras especializadas na matéria. Grandes escritores da literatura considerada para adultos, escreveram também para crianças e outros se consagraram escrevendo apenas obras infantis. Um exemplo notório desta consagração é o renomado Monteiro Lobato, um escritor que, ao longo de sua vida, teve um envolvimento social muito relevante. Era formado em Direito e participava ativamente da vida pública nacional, sempre criticando o sistema em suas falhas e propondo mudanças radicais nas estruturas políticas do país. Escreveu obras como *Urupês e Cidades Mortas*, nas quais criticava a miséria, o atraso e o imobilismo em regiões decadentes do Brasil e, acima de tudo, propôs soluções para muitos problemas relacionados à pátria. Mas ficou eternizado por sua obra literária dedicada às crianças e aos adolescentes. Personagens como Narizinho, Pedrinho, Emilia, Visconde de Sabugosa, entre tantos, fazem parte do imaginário das crianças brasileiras e ajudam na formação de nossos leitores infanto-juvenis, com suas histórias recheadas de conceitos moralizantes, exemplos de vida e de comportamentos. Dona Benta, Sinhá Anastácia e o Visconde já ensinaram várias lições para as crianças e adolescentes brasileiros. É interessante lembrar que em suas obras, Monteiro Lobato, usava personagens de grandes clássicos da literatura, misturados a personagens criados por ele, ou se servia também das adaptações para contar suas histórias.

2.2. As adaptações de obras literárias e a identidade do leitor

A partir de seu nascimento, o ser humano começa formar sua identidade. Como ser social que é, começa a observar tudo que está a sua volta em termos culturais para estabelecer a sua maneira de viver, se comportar e interagir com seus semelhantes. Dependendo do ambiente ou da sociedade em que vive, será sua identidade. Em algumas destas sociedades que vivem mais isoladas de outros grupos, a interferência na formação da identidade é bem menor e por esta razão as pessoas se mantêm por longos períodos históricos, com características semelhantes a de seus antepassados. Mostra-nos Hall (1999, p. 10) que existem três concepções muito diferentes de identidade: “sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno”. Esta última concepção é, sem dúvida, a que está marcando nosso tempo, pois com a Modernidade, o homem deixou de ter sua identidade centralizada em si mesmo e em sua sociedade de origem e passou a ter sua própria identidade descentralizada para outras identidades vindas de outras culturas, pois a modernização permite um contato muito mais rápido e constante. Hall (1999, p. 12) também afirma: “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado: composto não só de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”. Uma das formas de descentralização da identidade humana que, com certeza, está entre as mais eficientes, é o livro e especialmente o de literatura. A obra literária tem a capacidade de levar à pessoa de determinada sociedade, aspectos e conceitos de uma outra organização social. Ao tomar conhecimento destas novas culturas, passamos a sofrer influência na formação da identidade, principalmente o leitor infanto-juvenil, que ainda está em fase inicial de construção de sua personalidade, caráter e, por consequência, estabelecendo sua identidade pessoal.

Muitas obras literárias famosas e grandes clássicos da literatura mundial trazem, impregnados em seus conteúdos, um retrato claro e preciso da identidade do povo a que se referem. Costumes, comportamentos, conceitos morais e uma infinidade de características, são localizados tranqüilamente em obras de um autor capacitado para retratar uma época ou uma sociedade. Por se entender que as identidades estão sofrendo este processo de descentralização tão constante, podemos crer, também que, quando um leitor infanto-juvenil de nossos dias e de nossa sociedade é colocado diante de uma obra escrita em outra época, onde os aspectos culturais pouco têm a ver com sua identidade, ele tenha dificuldades para compreender a referida obra e tirar dela experiências para ajudar em sua formação. Neste momento, se compreende a necessidade que existe, por parte dos autores e dos responsáveis pela produção literária, de se fazer adaptações que consigam transformar os conteúdos existentes na obra original em mensagens

culturais mais acessíveis a nossos leitores infanto-juvenis, mas com o cuidado de não prejudicar a qualidade da narrativa a ser adaptada.

É bem provável que alguns dos grandes adaptadores nem tenham percebido tecnicamente esta necessidade de adaptação de características de uma identidade passada para as de uma contemporânea, mas a própria dificuldade que o leitor atual tem para assimilar conceitos culturais de outras sociedades ou épocas impulsionou os autores para a elaboração destas obras adaptadas.

A adaptação feita por Moacyr Scliar em *O sertão vai virar mar*, do clássico *Os Sertões* de Euclides da Cunha, da qual trataremos a seguir, é um bom exemplo desta afirmação, pois ele consegue trabalhar a mesma trama, explorar suas mensagens sociais e retratar a famosa história de Canudos em um contexto totalmente diferente do que encontramos no grande clássico. Esta nova maneira de apresentar o livro épico que contou a saga de Antônio Conselheiro, foi muito mais ao encontro da identidade cultural dos leitores infanto-juvenis, do que provavelmente o teria feito a obra original.

2.3. O professor e as adaptações

Ao professor cabe executar uma tarefa de relevante importância, a de auxiliar os leitores infanto-juvenis em suas escolhas dos livros que estarão lendo em sua vida escolar. Não resta dúvida de que em nossa sociedade, o contato com livros se dá quase todo na escola. Bordini e Aguiar (1993, p. 14) afirmam: “A linguagem literária extrai dos processos histórico-político-sociais nela representados uma visão típica da existência humana. O que importa não é apenas o fato sobre o qual se escreve, mas as formas de o homem pensar e sentir esse fato, que o identificam com outros homens, de tempos e lugares diversos”. As obras adaptadas têm, inseridas em seus originais, esses processos histórico-político-sociais de que trata a citação, e eles devem ser transferidos fielmente para as adaptações.

Muitos escritores ao executarem um trabalho de adaptação de um clássico da literatura, fazem-no com esmero e dedicação, produzindo obras que realmente mantêm a qualidade do livro adaptado, transferem tudo aquilo que é importante para trazer ao leitor a essência do original, mas outros não têm esse cuidado. Trabalham voltados para interesses que estão longe de ser o de levar leitura de qualidade para nossos jovens leitores. Estes estão mais preocupados em ter um bom resultado financeiro com seu trabalho. Existem editoras preocupadas apenas com resultados numéricos e não com qualidade. Eco (1979, p. 49) escreve: “... cultura de massa é um fato industrial e, como tal, sofre muitos dos condicionamentos típicos de qualquer atividade industrial”. Vários produtos são

feitos apenas para atender “estes condicionamentos” das atividades industriais, vão para o mercado para atender aos clamores de modismos populares propagados pela mídia moderna. O livro adaptado, às vezes, também é posto a serviço desta cultura de massa e perde muito de sua função inicial, que é transmitir ao leitor, aspectos importantes existentes no original. O professor, sendo um leitor crítico, poderá identificar quais são as obras adaptadas úteis na formação de seus alunos. Ele deverá selecionar as obras por sua qualidade e proporcionar aos jovens leitores a possibilidade de absorver conhecimentos de outras épocas e culturas, numa linguagem contextualizada com o seu momento histórico.

2.4. A adaptação e seu original

É interessante observar a competência de Moacyr Scliar no trabalho de trazer aos leitores em geral e em especial aos infanto-juvenis, a saga de Antônio Conselheiro e os conflitos passados em Canudos tão bem narrados por Euclides da Cunha. As duas obras são escritas em épocas bem diferentes. *Os Sertões* apareceu nas livrarias do Rio de Janeiro em dezembro de 1902 e *O sertão vai virar mar* teve sua primeira edição em 2002. Só por esta localização temporal, já se poderia determinar o quanto seria difícil, para jovens leitores, extrair da obra escrita no século retrasado os aspectos histórico-político-sociais, dos quais já tratamos anteriormente, além das dificuldades comuns que a evolução da língua causa ao entendimento e compreensão de um texto. Cunha possuía um vocabulário sofisticadíssimo, mesmo para a época em que foi escrita sua obra maior. Scliar, quando em *O sertão vai virar mar*, faz a releitura de *Os Sertões*, o faz com uma linguagem e vocabulário bem simples, o que permite um entendimento claro do que foi este fato histórico, tão relevante de nossa história. Scliar, em seu livro, de uma maneira bastante clara, criou um enredo ficcionista que se assemelha ao de *Os sertões* e, no desenrolar da trama, conta a história de Canudos e seu beato.

As diferenças no vocabulário e na linguagem dos dois livros são enormes e podemos comprová-las em passagens como:

Decorre isto de sua situação topográfica. A sublevação de rochas primitivas que se alteiam aos lados, para norte e para leste, levanta-se como anteparo aos ventos regulares, que até lá progridem e torna-se condensador admirável dos escassos vapores que ainda o impregnam... Cunha (2002, p. 229)

No lugar chamado Buraco – uma enorme vila popular que tem mais de trinta anos, as casinhas até hoje são humildes, as condições de vida, muito duras. Em outras cidades, bairros assim são o reduto de traficantes, de criminosos. Não em

Sertãozinho de Baixo... Scliar (2003, p. 11)

Estes dois pequenos trechos têm em comum, o fato de serem, nas duas obras as primeiras descrições do local onde habitava o beato. Em *Os sertões* é uma descrição rebuscada e detalhada do Monte Santo ou Canudos e seu posicionamento geográfico; já em *O sertão vai virar mar* é um relato claro e simples do lugar chamado “Buraco”, bairro da cidade de Sertãozinho de Baixo, onde mora o beato da história contemporânea. Neste aspecto e em muitos outros, as duas obras são radicalmente diferentes. Época, costumes, estilo de vida; numa campestre, noutra urbano e outras divergências são contrapostos no livro de Scliar e assimilados primeiro por suas personagens e depois pelos leitores infanto-juvenis que estão na mesma faixa etária dos protagonistas do livro.

Se é certo que as duas obras têm suas diferenças, também é verdade que elas possuem pontos importantíssimos em comum. As fortes denúncias de injustiças sociais são marcantes nos dois livros. Euclides da Cunha foi ímpar ao retratar toda a trama de Antônio Conselheiro, desde seus infortúnios no Ceará, onde fora um pacato professor de escola primária, até o apogeu de seu ministério no sertão da Bahia. *Os sertões* mostrou como o misticismo e o político se emparelham e se misturam em passagens como: “Pregava contra a República, é certo. O antagonismo era inevitável. Era um derivativo à exacerbação mística; uma variante forçada ao delírio religioso” Cunha (2002, p. 190).

Quando o autor de *Os sertões* se embrenhou no interior, sua missão era fazer um trabalho de cobertura jornalística sobre os conflitos em Canudos, mas acabou retratando a vida do sertanejo, suas crenças, dificuldades, seu sofrimento, suas carências físicas e morais. Poucos retrataram o sertão nordestino e seu povo como Euclides da Cunha.

Moacyr Scliar, lembrando as denúncias do grande jornalista, também fez as suas: foram novas denúncias, mas sobre os mesmos problemas delatados em *Os sertões*. Mudou-se o cenário, a época mas os problemas são os mesmos: injustiça social, desigualdade na distribuição de renda, descaso do poder público com relação às dificuldades do povo e muitos outros aspectos que vão aflorando da trama de Moacyr Scliar, como fizeram anteriormente na de Euclides da Cunha.

O adaptador (2002, p. 106) nos mostra “... O que me deixou indignado foi a maneira com que os responsáveis pela obra nos trataram, a mim e aos outros. Nós éramos simplesmente obstáculos que tinham que ser removidos. Mas aquelas terras, gente, eram a minha vida, a nossa vida.” Esta denúncia, como tantas outras são comuns tanto na original, como na obra adaptada. Os dois beatos se embrenharam em seu ministério, após sofrerem

injustiças sociais, por parte daqueles que gerenciam os interesses públicos.

2.5. Considerações finais

A adaptação que analisamos neste trabalho foi muito feliz ao mostrar as denúncias de *Os sertões* e contextualizá-las em uma outra época e em outro cenário, num trabalho literário de qualidade e de fácil assimilação para o leitor infanto-juvenil. Diante disto, percebem-se que as adaptações são um instrumento muito precioso, para levar aos leitores infanto-juvenis obras escritas em espaço e momento diferentes do que eles estão vivendo.

Se os grandes clássicos literários transferem subsídios para a formação da identidade dos pequenos leitores, então estas obras terão que passar por adaptações, para que os leitores em questão possam extrair delas o que precisam para este processo. Algumas adaptações talvez não alcancem estes objetivos e então o professor é fundamental, auxiliando seus jovens alunos na escolha das adaptações que melhor atendam as necessidades dos leitores, e para isso deve estar bem preparado.

Este trabalho não tem pretensão maior do que a de alertar para a necessidade de se orientar bem o leitor infanto-juvenil, na escolha do que estará lendo em sua vida escolar. Afinal, o leitor pleno, crítico e consciente tem mais possibilidade de surgir através do descompromisso da ficção literária.

3. Referências

- BORDINI, M. G.; AGUIAR, V. T. de. **A formação do leitor**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- CUNHA, E. da. **Os sertões**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- ECO, U. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira história e histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- SCLIAR, M. **O Sertão vai virar mar**. São Paulo: Ática, 2003.

Recebimento em: 08/06/2005
Aceito em: 04/10/2005